

TITO LIVIO FERREIRA

AS RAIZES PAULISTAS DE AURELIANO LEITE

Separata da  
Revista do Instituto Histórico e Geográfico  
de São Paulo  
VOLUME LXIX

SÃO PAULO  
1971

TITO LIVIO FERREIRA

AS RAIZES PAULISTAS DE AURELIANO LEITE

SÃO PAULO

1971

As amigas e confrades Celso Maria  
de Melo Pires, com o abraço ami-  
go do  
Tito Livio Ferreira

4/4/72

## AS RAIZES PAULISTAS DE AURELIANO LEITE

Tito Livio Ferreira

Há menos de dois meses, Aureliano Leite expôs, nas livrarias, a sua mais recente obra "Páginas de uma longa vida", folhas compiladas ao longo de uma fecunda existência. O livro tem sido louvado e adquirido. Nêsse caso, há razões para isso, pelo sal que põem tais leituras nos dias em que vivemos. Elas repou-sam o espírito preocupado com o terrível cotidiano. Dão férias à inteligência esmagada pelo utilitarismo agressivo. E elas fazem bem à alma e ao coração, desanuviando-os.

"Páginas de uma longa vida" falam das revoluções de 24, de 30 e de 32. Dir-se-ia que o volume foi escrito para adoçar algumas amarguras deixadas por elas, e para reviver certas coisas algo esquecidas. Os assuntos foram tratados segundo as paixões momentâneas vividas no drama ainda vivo. Ora, o drama é a vida. E a verdade exposta no drama é um reflexo da vida cujo filme colorido se desenrola diante de nossos olhos, para ser revelado por nossas retinas.

Na realidade, Aureliano Leite não cuida, nesse livro, das paixões na vida, isto é, do bem e do mal feito por elas. Quando vivemos dias em que os espíritos mais firmes duvidam, em que os corações mais retos se perturbam, em que as inteligências mais lúcidas se enevoam, estas "Páginas de uma longa vida" prestam-nos o serviço de nos dizer, numa linguagem clara e simples, que o bem não é o mal, nem o mal o bem, e que, quaisquer que sejam as provas da verdade no mundo, a melhor de todas as atitudes é ainda, no presente ficar fiel ao passado, porque êle é a arca da aliança do futuro. E no futuro estão sempre o presente e o passado.

Participante de três revoluções, Aureliano Leite faz ressoar no passo acelerado e firme de "Páginas de uma longa vida", a cadência das marchas e contra-marchas, o éco dos clarins a reboar nas distâncias, o surdo rufar dos tambores compassados, o canho-nheiro nas quebradas e montanhas onde pipocam rajadas de me-trabalhadoras. E às vèzes, por entre essas folhas, estalam fogos de artifício, iluminando-as.

Em mais de uma passagem, topa-se ao longo destas páginas com alusões, idéias, pensamentos voltados para os dias de hoje, para o drama existencial em que estamos engajados e lutando. Entre as paixões examinadas por Aureliano Leite, salientam-se as enraizadas na instituição da família. Ouçamo-lo: "De minha meninice, transcorrida em Ouro Fino, terra de altaneira serrania onde nasci, guardo muita coisa, talvez completamente sem importância para os outros, mas, para mim, parte integrante da existência". Assim, Aureliano Leite, nascido em São Francisco de Paula de Ouro Fino, mineiro de nascimento, vai ser paulista de adoção, porque, acima de tudo, é brasileiro de coração aberto, cuja ascendência lusoiberotupi mergulha raízes profundas na Lusitânia e na Hispânia, antigas províncias do Império de Roma. E ali, na cochilante cidadezinha "já de si protegida pelos ares lavados e puros, que lhe oferece a serrania azul em derredor", na frase de Aureliano Leite, o autor de "Páginas de uma longa Vida" fez-se menino e moço.

Da "pátria" franciscana, como diziam nossos remotíssimos ancestrais lusorromanos, porque a pátria para os latinos era e foi até 1793 o lar, o berço do nascimento; da "pátria" ourofinense, Aureliano Leite sai, um belo dia para vir morar em São Paulo, quando amanhecia o século em curso. E ei-lo na "pátria" de seus antepassados, no lar de nossos maiores, levado pela mão do imponderável, ou conduzido pela força misteriosa da Providência Divina.

Aureliano Leite sentia-se atraído pela força aliciante de seu afeto, de sua ternura, de seu amor à terra onde repousava a gente da sua gente, a gente da nossa gente, a gente que outrora deixara a sua "pátria" piratininguara para criar, no tempo e no espaço, a grande pátria brasileira. Mergulha no fundo estuante do passado, enraiza-se no chão bemdito de Piratininga e entronca-se em nossos maiores, o embevecimento de Aureliano Leite pela nossa terra e nossa gente de Portugal e do Brasil, constituinte de uma só comunidade espiritual e consanguínea.

Vem desde Amador Bueno, o "Aclamado", autêntico lusoiberotupi, numa só palavra, porque nêle vibrava, pela formação, pela alma, pela psicologia, o vassalo português, consciente de seus deveres de vassalagem como soldado do Rei de Portugal. Filho de Bartolomeu Bueno, sevilhano, casado com a lusatupi Maria Pires, filha do português Salvador Pires e da lusatupi Mécia Fernandes, a Mécia-Ussú, bisneta de Antonio Rodrigues, lusitano e de Antônia Rodrigues, tupi, terno do Ururai, o Piquerobi — Amador Bueno entra na História Lusobrasileira como o Paulista que não quis ser Rei, porque era vassalo do Rei Lusitano.

Esse gesto de fidelidade típica do vassalo, de cuja estirpe descende Aureliano Leite, vai repercutir pelo tempo adiante. A

3 de março de 1700, o Governador da Capitania do Rio de Janeiro nomeia "Capitão Governador da Companhia dos Reformados a Manoel Bueno da Fonseca", das principais famílias de São Paulo, por ter servido a Sua Majestade "em vários postos, mostrando o zelo de leal vassalo para dar verdadeira execução às Reais Ordens"; e, acrescenta o documento, "quando não bastassem êstes serviços, esclarece Artur de Sá e Menezes, era merecedor de grandes cargos por ser neto de **Amador Bueno**, que sendo chamado pelo Povo para Rei, obrando como ela e verdadeiro vassalo, com evidente perigo de sua vida, exclamou dizendo que vivesse El-Rei D. João IV, seu Rei e Senhor, que pela fidelidade que devia de vassalo queria morrer nessa defeza, e respeitando em êste tão louvável Vassalo..." (Anais do Arquivo Nacional. Governadores do Rio de Janeiro. Livro III, tit.-XI, p. 91).

Tempo adiante, na abertura da Assembléia Constituinte e Legislativa do Império, no Rio de Janeiro, 3 de maio de 1823, D. Pedro I reafirma: "Foi na pátria do nunca assás lembrado Amador Bueno da Ribeira, onde pela primeira vez fui aclamado Imperador". Sua Majestade ainda emprega a palavra **pátria** no sentido latino, isto é, o lugar do nascimento do vassalo. A pátria do vassalo não é a pátria dos cidadãos. Depois de 1793, os republicanos franceses declaram: a República é a pátria dos cidadãos. E daí o conflito psicológico entre o cidadão e o vassalo.

Em sua obra "L'Ancien Régime et la Révolution" Alexis de Tocqueville escreve: "É preciso abstermo-nos de valorizar a baixera dos homens pelo grau de sua submissão ao poder. Apesar de tudo, por submetidos que estivessem os homens do Antigo Regime à vontade do Rei, havia uma espécie de obediência que lhes era desconhecida: não sabiam o que era dobrar-se a um poder ilegítimo ou discutido, que pouco se respeita e a miude se despreza, mas que se sofre pela força, porque pode ser útil ou temível. Esta forma degradante de servilismo foi-lhes estranha. O Rei inspirava-lhes sentimentos que nenhum dos príncipes mais absolutos aparecidos depois no mundo puderam fazer brotar, e que inclusive se tornaram a nós outros quase incompreensíveis, porque a Revolução (Francesa) os arrancou de nossos corações até à raiz. Os vasalos sentiam pelo Rei a ternura que se sente pelo pai e às vezes o respeito que se deve a Deus. Submetendo-se às ordens mais arbitrarias, cediam menos pela coação que ao amor e ocorria-lhes a miude conservar sua alma bem livre na mais extrema independência. Para êles, o maior mal da obediência era o constrangimento, para nós outros o menor. O pior está no sentimento servil que impele a obedecer. Não depreciemos nossos pais, não temos êsse direito. Prouvera a Deus que pudessemos tornar a encontrar, com seus prejuizos e defeitos, algo de sua grandeza".

Assim, não só os vassallos, mas também os súditos, em pleno Império, lembram Amador Bueno. Nêsse caso, a Assembléa Provincial de São Paulo, em representação a D. Pedro II, na data de 29 de janeiro de 1842, escreve: "A História não se esquece que a um Paulista sem par, Amador Bueno da Ribeira, de quem muitos têm a honra de descender, deveu a Coroa de Portugal a conservação desta bela Província quando pela Restauração subiu ao trono português a dinastia de Bragança". Assinam êsse documento: Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Presidente — Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, 1.º Secretário. E o vassallo, soldado do Rei, jurava defender o Monarca, assim como o cidadão jura defender a Pátria e a Bandeira.

Aureliano Leite descende, através de gerações fieis à Monarquia, de Amador Bueno, o Paulista que não quiz ser Rei porque era vassallo do Monarca Lusitano. Nessas condições, mineiro de nascimento, paulista de adoção, Brasileiro de nação, êle é, como somos, lusorromano, isto é, no conceito do Professor Adriano Moreira, proferido no I Congresso das Comunidades Prtuguêsas, em dezembro de 1964, onde Aureliano Leite e eu representamos o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Nessa ocasião, disse o Professor Adriano Moreira: "Habitualmente pobre de todos os bens deste mundo, mas rico de uma vontade forte, e de uma ambição legítima, o emigrante é na sua maior plenitude, e a partir desse momento, um verdadeiro cidadão da tradição romana, por que leva consigo a responsabilidade irrenunciavel de transmitir ao mundo a imagem do seu povo de origem. Ninguém lhe pode confiar ou retirar esse magistério definido pela história, e tôda a sua gente que fica na terra originária dos antepassados será irremediavelmente julgada, pelo testemunho que o emigrante, abandonado a si próprio, lavrando na terra alheia para onde se desloca. Nada o pode absolver dessa tremenda responsabilidade, porque as Pátrias não se escolhem, acontecem. Ninguém pode repudiar o testemunho que o emigrante der do seu povo, por que a pertença a um povo é uma fatalidade histórica que faz parte da circunstância irrenunciavel de cada homem".

Por isso mesmo, o espírito de Amador Bueno revive em Aureliano Leite, há trinta anos, em 1937: Vassallo de Portugal, o primeiro defende o seu Rei Lusitano, Cidadão da República Brasileira, o segundo é súdito da nossa Rainha, a Língua Portuguesa. Por isso mesmo, em resposta a seu oponente, exclama: "Sim, é exato, defendi-a também do lado sentimental, nem podia ser por menos. Mas defendi-a, também e com largos argumentos, dos aspectos filológicos e políticos, sôbre o que silenciou o meu adversário. Imperdoavel incorreção num parlamentar **double** de cientista". (p. 257). Frase enérgica e incisiva temperada pelo afeto e pelo calor da criatura de cujos lábios ouvimos as inesquecíveis

palavras: Meu filho! Nessa língua, não noutra, aprendemos a dizer, para o resto da vida: Pai, Mãe, irmão, irmã, filho, filha, avô, avó, tio, tia. Ao defendê-la rendemos-lhe a nossa vassalagem. E, para nossos irmãos portugueses, negros da África e amarelos da Ásia, a Língua Portuguesa é a língua cristã, isto é, a linguagem com a qual aprendemos os ensinamentos de Cristo.

Assim, como o soldado romano semeou a Língua Latina por todo o Ocidente, em cujo território foi falada e escrita cêrca de doze séculos, também o Português, marinheiro, mercador, missionário e mateiro, disseminou a Língua Portuguesa pelo Mundo. Cidadãos de tradição romana, Brasileiros, Portugueses brancos, Portugueses negros, da África, Portugueses amarelos da Ásia e polinésios, nós servimos da Língua Portuguesa, servimo-nos dela, por ser um idioma transnacional ou supranacional, na linguagem sociológica de Gilberto Freyre. E por isso, nós, Brasileiros e Portugueses, com Aureliano Leite, o Condestavel do nosso Idioma, podemos dizer: Nossa Pátria é a Língua Portuguesa.